

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	19.º Anno — XIX Volume — N.º 634	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento da Jesus, 4</i>
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	1120	5 DE AGOSTO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa sem luz. É o grande acontecimento. N'umas ruas accendem-se tarde os primeiros candieiros, n'outras apagam-os muito cedo. Anda tudo ás apalpadellas, e furiosos os logistas; mas para a maior parte da gente é tudo isso indifferente e como é assumpto para se poder dar em alguem, no governo, na camara municipal, na companhia ou nos grévistas, afinal ainda se anda contente.

O anoitecer é tal qual a madrugada. Uma pequenina differença; em vez de aclarar, escurece. É a meia volta á esquerda, explicada pelo sargento, que é tal qual a meia volta á direita, com a differença de ser exactamente o contrario.

O espirito desenvolveu-se na capital em meio da escuridão. Muitos pensaram em fazer uma coisa engracada, de véras original. Uma genial idéa! Mas os muitos pensaram todos como um só e sahiram com balõesinhos. Uma semsaboria a que acharam muita graça.

Entim sempre ajudaram a iluminação que, se não fossem elles, ficaria reduzida á das nossas excelsas luminarias conhecidas na sciencia, artes, letras e politica.

Um ou outro candieiro acceso tinha um aspecto funebre. Se dentro d'alguma casa frenteira sahia luz pela janella, o candieiro projectava na parede opposta uma sombra enorme, negra, engraçante, de tocheiro.

Essas rarissimas e traquissimas luzes só serviam para deixar ver as trevas opacas. A cidade era soturna, ainda mais com certeza do que nos antigos tempos dos candieiros de azeite mandados collocar pelo celebre Pina Manique. Quando fazia vento, as lampadas dançavam e sobre as calçadas havia danças de sombras phantasticas.

Em volta do Palacio de Mafra mandaram agora collocar outra vez esses velhos candieiros tão pittorescos e cuja luz de azeite, muito branca e serena, tão bem deve destacar n'aquellas enormes paredes de cantaria, poeticamente revestidas de musgos verde-negros.

No seculo das luzes temos a capital ás escuras.

Por outro lado se está tratando d'isso ou coisa parecida: illuminações interiores, visto o chavão velhissimo da luz da instrucção. Esta parece que está sendo derramada a flux, pois que nem em noite de primeira recita em D. Maria, nem em toirada do Guerita no Campo Pequeno, vimos tamanha affluencia de gente como nos primeiros exames de instrucção primaria no lyceu de Lisboa.

Uma casa cheia, a fazer tremer de inveja um beneficiado. Eram os pequenitos, eram as pequeninas, os manos e as manas, os tios e as tias, os papás e as mamás, os mestres e as mestras, os perfeitos e as ajudantes. O pateo cheio, a escada cheia, as casas de entrada cheias, as salas dos exames atulhadas.

E todos aquelles corações batiam e os rostos mostravam anciedade.

Ah! máu tempo! máu tempo! E o pequenino que traz para casa a gloria ou que nos dá o primeiro desgosto! E é ver aquellas caras afflictas, anciosas, querendo suggestionar o ente querido, que ali está sentado, pela primeira vez a mostrar que ha de ser um homem, dando o seu primeiro passo na vida!

E á pergunta do professor, os paes, os tios, os

mestres tambem respondem baixinho, cá dos bancos, longe, d'onde os pequenos os não podem ouvir. Elles sabem o que o pequeno sabe e é uma afflicção quando vem uma pergunta a que se advinha em resposta uma mudez significativa. E o que o pequenino sabia e não disse, nervoso, atrapalhado! O que elle ainda hontem sabia perfectamente, que se lhe tinha explicado tão bem! E nada! E depois a espera pela decisão, o erro de orthographia no thema, que pode deitar tudo a



RODRIGUES DE FREITAS — FALLECIDO EM 28 DE JULHO DE 1896

(Copia de uma photographia)

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE



OFFICINAS «BRANCO RODRIGUES»

FABRICAÇÃO DE ESCOVAS PELOS ALUMNOS CEGOS — OS INSTITUIDORES DAS OFFICINAS, SRS. ANTONIO REPENICADO E BRANCO RODRIGUES

a escadaria do palacio real de Turim, mais os dois de bronze que estão na praça de Placencia, e mais ainda o de Troia, que não era de marmore nem de bronze, mas de pau. Não sei a que sabia o peixe e a sôpa, porque fiquei farto só com o cheiro, e quiz recorrer ao farnel que havíamos trazido de Lisboa, e ás uvas de Aldeia Gallega, de que tínhamos um cesto cheio. Depois do jantar, percorridas mais tres leguas de caminho, chegamos aqui, sempre por um deserto de areia. Estas oito leguas que andamos hoje fazem bem vinte e cinco milhas das nossas: e, a não ser a celebre capital dos referidos Pegões, não se vê nenhuma casa em tão vasta extensão de terreno. Imaginae que abundancia de população! Pelo caminho não vi outros seres vivos, senão dez ou doze passaritos, sete ou oito cabras, outros tantos porcos, e talvez cinco ou seis viandantes com os seus machos e burros. De rios, regatos, nascentes e outras delicias semelhantes, por aqui nem signal. E esta solidão constante, sem a gente vêr mais do que os taes arbustos e pinheiros, nem ouvir mais do que aquellas tristes cantilenas dos nossos arrieiros ou caleceiros, como aqui lhes chamam, acompanhados da musica suave dos guizos e campainhas dos machos, com um sol que reverbera tão ardente d'aquelle areal perpetuo; tudo isto junto, digo, torna o viajar tão penoso que é preciso de certo haver uma ancia extrema de vêr mundo para supportar tanto incommodo sem perder o animo. E, depois, á noite, para reparar os damnos, lá veem estas malditas estala-



GRUPO DE CEGAS ASYLADAS



GRUPO DE CEGOS ASYLADOS

lydros, os cenchros, as scytalas, as amphisbenas, os parás, os basiliscos, os dragões e outros habitantes da Lybia que Catão viu n'aquella região, e que eu não vi n'esta, em tudo o mais me parece haver muita semelhança, porque de Aldeia Gallega até Vendas Novas o que afistei era tudo coberto de arbustos silvestres, e, aqui e allí, algum pinheiro, a excepção, porém, d'aquella milha de vinhedos a que me referi acima. O caminho, assaz arenoso, é muito fatigante para os ânimaes e para quem viaja pedestremente. A uma hora depois do meio dia chegamos á estalagem, isto é, ao lugar onde se pára. E com razão chamam os portuguezes a estes logares estalagens, porque ha n'elles estabulos¹ para os machos, mas para christãos não é cousa digna do honrado nome de hospedaria. Aquella em que nos apeámos para jantar chama-se os Pegões, e dista cinco leguas de Aldeia Gallega. N'este lugar dos Pegões ha dois edificios construidos a modo de casas, que poderiam talvez chamar-se assim, se tivessem quartos e salas e portas, e janellas e mezas e cadeiras, e leitos e outras cousas d'esta natureza. Aqui encontramos algum peixe, que foi salgado não antes de apodrecer, sim depois. E com o tal peixe veio tambem para a mesa uma sôpa de grão de bico temperado com azeite rançoso, que bastaria para envenenar o cavallo de marmore que adorna



OFFICINAS «BRANCO RODRIGUES»

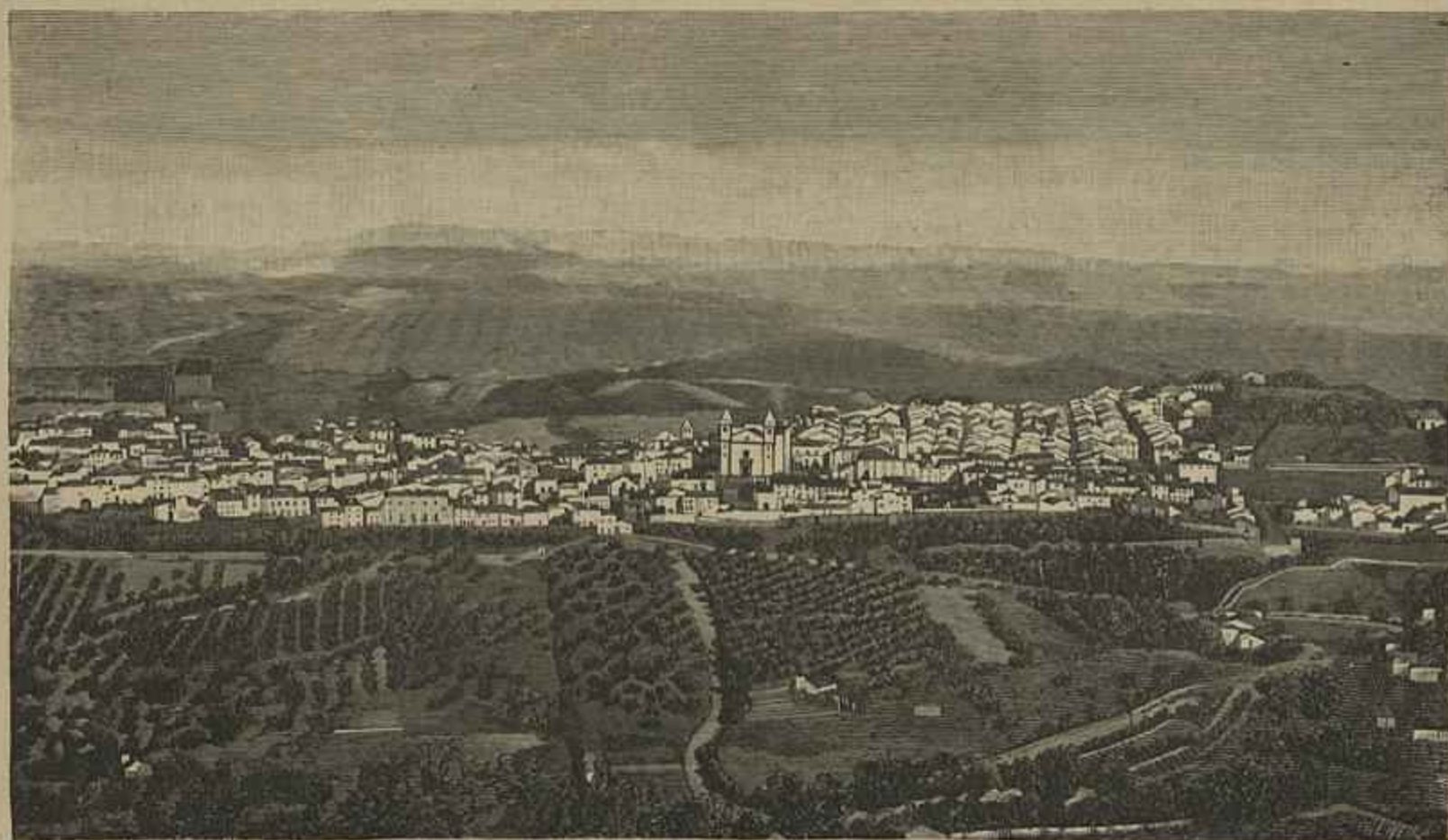
ALUMNOS CEGOS FABRICANDO CANASTRAS

(Copias de photographias do photographo amador sr. Silvestre Jacintho Nunes)

¹ A semelhança das palavras stallage stalla (estabulo) é maior em italiano do que em portuguez.



ROCIO DE CASTELLO DE VIDE
(Copia de uma photographia do sr. Mimoso)



CASTELLO DE VIDE
(Copia de uma photographia do sr. Perez)

gens que acabam de nos desfazer completamente. Resta, contudo, a esperança de que um dia estarei em minha casa com os meus irmãos, e os dias então hão de parecer horas, e, quando o sol se tiver sumido de todo, farei voltar os ossos ao seu lugar n'um leito christão, se Deus permittir que eu continue a salvamento o resto da viagem, como tenho feito de Londres até aqui. Quando me apeei esta noite da caleça, fui vêr por fóra uma casa baixa, mas do comprimento de seiscentos passos dos meus, que pertence ao rei fidelíssimo. Um dos lados d'esta casa (porque palacio não se lhe pode chamar) está por acabar. É raro aqui vêr o rei, e não creio que jámais a mande concluir, por estar em mau sitio, sem jardim e sem vista agradável. Não se pôde dizer a que architectura pertença, porque os muros são lisos, e não tem columna nenhuma. Nem as portas nem as janellas tem ornatos, e afóra o comprimento do edificio, nem merece que se olhe para elle. Dizem-me que a vinte leguas d'aqui sua magestade tem outra casa de campo, chamada Villa Viçosa, assaz magnifica e bella; mas, como seria necessario sair da estrada algumas milhas para lá ir, e ficar por consequencia mais algumas horas em Portugal, não faço tenção de a vêr. Nas estalagens em que tive a desventura de ser constringido a entrar, isto é, na Cabeça, em Maíra, em Cintra, e n'esta estrada de Hespanha não é possivel referir a perseguição das mulheres que vos rodeiam e importunam, pedindo descaradamente que lhes deis algum dinheiro para comprar algum bocado de pão para os seus filhinhos e para ellas mesmas; e, quando lhes tendes feito a vontade, pedem-vos depois alguma cousa para a irmã e para a prima, ou ainda para os maridos, para os paes ou para as mães ou para o diabo que as leve. Encontrei nos Pegões uma d'estas impertinentes mulheres, que, vendo-me á meza, quiz primeiramente que lhe desse algum dinheiro, depois um pedaço da empada que havíamos trazido conosco, depois um pedaço do nosso queijo de Lodi, e depois uns doces de fructa, e depois alguma da nossa uva, e depois dois pães dos nossos; e depois queria ainda uma caixa pintada que eu trazia, depois um leque que eu tinha na mão, e não ha maneira de nos vermos livres d'ellas; se lhes dessemos um olho, logo nos pediriam o outro, e depois os trinta e dois dentes, e depois a pelle. E quando te apresentam a conta, parece que te demam a comer manjares de ouro, e a beber liquidos de prata, tal é a enormidade da somma. Seja dito isto para dar uma idéa da modestia e do acanhamento das mulheres do povo em Portugal. Os caleceiros, os estalajadeiros, e em geral todos os homens de humilde condição, se vos abaixam a falar com elles, respondem-vos com a cabeça descoberta, mas com familiaridade e franqueza fraternal, e não são nada envergonhados nem tímidos. Recordo-me de que uma manhã em Lisboa mandei chamar um barbeiro para me fazer a barba. Entrou o cavalheiro sorrindo affavelmente, congratulando-se conmigo pela minha vinda a Portugal, enquanto me punha a toalha, ensabou-me a barba com muito phrenesi, depois de sorver com grande pachorra uma pitada de rapé que me pedira. E, ao passo que me barbeava, ia-me informando de muita cousa de que me suppunha ignorante; por exemplo, que em Portugal faz muito calor, que ha por aqui muita uva e muito figo; que ha peixe em abundancia, porque o mar está proximo, e que não ha falta de limões nem de laranjas. Disse-me depois que a navalha com que me raspava os pêlos da cara era um ferro de Barcelona. Feita a barba de um lado, parou e perguntou-me que juizo formava eu dos seus patricios; e, respondendo-lhe eu que os não conhecia ainda por ter chegado ha pouco, deu-me a saber que *os portuguezes são muito valorosos*; e basofiou-meia hora deante de mim com a navalha erguida, contando-me como os portuguezes foram sempre vencedores nas suas batalhas contra os hespanhoes, que todo o hespanhol treme como uma folha ao nome de portuguezes, e que basta um só portuguez para pôr em fuga meia duzia de hespanhoes, e outras que taes lampanas; nem houve modo d'elle se resolver a fazer-me a barba do lado esquerdo, como já tinha feito do direito, senão depois de haver-me aniquilado as duas Castellas, Gvadassos e Rodamontes, como aquelle senhor barbeiro, ha tantos em Portugal que não é maior o numero dos pobretões e dos madraços; e de cem portuguezes não direi quantos sejam tidos n'essa conta. Todas as nações l'imitrophes se odeiam reciprocamente, e não conhece nenhuma na Europa que faça excepção a esta regra, a não ser o Milanez que não é odiado por nenhum dos seus visinhos. Mas o rancor que os portuguezes tem aos hespanhoes é tal que se assemelha á raiva, e os hespanhoes não votam

ódio, mas desprezo aos portuguezes, dizendo d'elles em tom de proverbio: *Portuguezes pocos y locos*. Quanto a ladrões em Portugal, é fama que ha sufficiente quantidade. Esta manhã, no momento da partida, perguntei ao senhor dom Manuel, meu caleceiro, porque é que a caixa da sua caleça não tinha alguma especie de estribo sobre o qual se põe o pé, e torna mais facil o subir para ella. *Nesta terra furta tudo*, respondeu-me elle. Esta sua laconica resposta servirá de aviso ao leitor; quero dizer que me fará ter cuidado no meu farnel, o que me foi recommendado em Lisboa por todos os que pretendem conhecer a plebe portugueza, a qual tem fama entre os proprios naturaes, não só entre os extranhos, de ser mais propensa a roubar o proximo do que os ciganos e os tartaros.—Mas as palpebras pesam-me, e sinto que tenho a nuca algum tanto escaldada demais pelo sol, e por isso vou pô-la sem ceia no meu abençoado colchão até o romper da alva, que não tardará tres horas que appareça. Adeus.

Alberto Telles.

POMBEIRO DA BEIRA

Acabo de ler, n'este momento, um livro de 128 paginas intitulado *Pombeiro da Beira. Memoria Historica, Descriptiva e Critica por Sanches de Frias. Ornada de estampas, segundo as photographias do auctor. Lisboa 1896.*

Esta obra é uma excellente monographia com que o sr. Visconde de Sanches de Frias acaba de dotar a historia e as letras patrias.

O livro, a que me refiro, é um consciencioso estudo, baseado nos seguintes elementos:

- a) Origens — vida dos povos primitivos e suas tradições;
- b) Chorographia — situação, limites, extensão, descrição topographica;
- c) Geologia — natureza e composição do sólo, classificação de terrenos fosséis;
- d) Archaeologia — monumentos pintura, escultura, architectura, inscrições, vasos, moedas, medalhas, alfaias, utensilios;
- e) Nobiliarchia — heraldica, nobiliarios, memorias genealogicas;
- f) Diplomatica — tombos, foraes, titulos, diplomas, documentos;
- g) Ethnographia — solares, chacaras, romances, contos, lendas costumes, tradições populares, etc., etc.

Este enunciado só por si basta para mostrar a importancia da obra. Vejamos, porém como o auctor tracta proficentemente cada uma das materias que constituem o livro.

a) ORIGENS

O sr. Visconde de Sanches de Frias começa por estabelecer a verdadeira historia do Pombeiro antigo, de modo a rectificar as inexactidões de alguns escriptores. D José de Lacerda, por exemplo, chama-lhe villa, mas confundia com o Pombeiro minhoto, o que é um erro imperdoavel. Já Duarte Nunes de Leão mencionava a *villa de Pombeiro* na correição de Coimbra. (Veja-se *Descripção de Portugal*, pag. 12.)

Pinho Leal, que sustentou polemica escripta com o auctor, creio que coametteu alguma inexactidão, o que não admira. *O Portugal Antigo e Moderno* é uma obra vastissima: não podia deixar de conter erros. Uma carta que tenho presente, fallando-me d'aquelle livro, diz: «A obra tem lapsos, porque era humanamente impossivel que os não tivesse uma obra de tanto folego, mas em compensação tem merecimento. É a chorographia mais completa que possuímos — e poucas nações estrangeiras terão uma chorographia analogica.»

Esta carta tem valor pelo nome que a firma e attenua as responsabilidades de Pinho Leal.

Taes erros, porém, corrige os, e muito bem, o sr. Sanches de Frias.

A conta de grandes escriptores antigos e modernos corriam diversas versões, que se misturavam e contradiziam sobre a historia da fundação de Pombeiro.

Essas lendas são completamente desfeitas. O auctor reconhece por fim que, n'estas excavações historicas, perdidas na obscuridade dos tempos, não ha meio de conciliação possivel.

Conclue-se facilmente que a origem de Pombeiro data da mais remota antiguidade.

b) CHOROGRAPHIA

Tratada da par com a historia no primeiro capitulo, esta parte não tem largo desenvolvimento.

Todavia o livro descreve a situação de Pombeiro, antiga villa e hoje pequenissima aldeia do concelho de Arganil, a este e a uns 50 kilometros da cidade de Coimbra, n'um monticulo que está na serra do Salgueiral.

Algumas linhas descriptivas sobre a topographia da serra e sua origem, sobre o rio que a banha e o accidentado da região, onde será difficil encontrar diz o auctor, um kilometro de planura.

Mais algumas informações sobre aquella região ouriçada de montanhas, e eis completa esta parte do livro.

c) GEOLOGIA

A natureza e composição do sólo era estudo que requeria particular cuidado. O auctor assim o reconheceu e dedicou-lhe um capitulo especial e muito instructivo.

Vê-se, quanto ao sólo, que ali predomina o ferro, o enxofre metalizado e fálhas auríferas no leito do rio.

As provas negativas da exploração das minas de chumbo, attribuida aos columbos, levam o auctor a julgar que isso não passa de mera invenção.

A tradição, para que elle se inclina, chama *Columbaria* á cidade e *Colombos* aos habitantes, que eram insignes creadores de pomboes. D'aqui deriva provavelmente a palavra *Pombeiro*. Para designar minas de chumbo deveria chamar-se á cidade *plumbaria* ou *polumbaria*. Em abono d'esta opinião cita Rezende. Ao qual podia acrescentar-se Duarte Nunes, que, apoiado em Plínio, diz: «que ha tambem muito chumbo na cidade arruinada de Arémeha, que antigamente se chamava Medobrega, junto a serra da Estrella, cujos povos os romanos chamavam *Plumbarios*» (Veja-se *Descripção de Portugal*, pag. 97)

A seguir entra o auctor na descripção das galerias subterraneas, a que chamam os *Furados*, duas grandes aberturas em rocha viva por onde escorre uma parte das aguas do Alva.

Sobre a origem e applicação d'estas construcções temos o depoimento de um illustre engenheiro, o fallecido Alexandre da Conceição, que as visitou propositadamente.

O sr. Sanches de Frias combate, porém, a opinião do mallogrado escriptor e funda-se em razões que me parecem convincentes.

Como se vê é interessante este capitulo.

d) ARCHEOLOGIA

N'esta parte do livro faz o auctor notar a falta de edificios antigos, habitações brazonadas, monumentos, ruinas ao menos que atestem a vetusta existencia da antiga habitação senhorial.

Pombeiro possuia de notavel: o pelourinho, a capella de S. Sebastião, e a casa da residencia parochial.

Tudo isto desapareceu, ou está prestes a desaparecer, n'um montão de ruinas.

Causa d'este vandalismo: a ignorancia e a falta de conhecimentos estheticos.

Agentes da destruição: os mandões sertanejos, praga daminha que enxameia por toda a parte.

Existe ainda um monumento: a igreja. Construção do começo da renascença, a sua apparencia exterior é singella, mas contém interiormente muitas bellezas architectonicas, pinturas de estylo gothico e magnificas alfaias preciosas, que o auctor descreve. Ao lado direito da capella môr, o tumulo de Matheus da Cunha, no dizer do auctor o mais valioso padrão historico de Pombeiro.

Fóra da povoação: os *Furados*, o cipo romano e a capella da rainha santa.

Este capitulo, a que o auctor deu, como era mister, um largo desenvolvimento, é assaz curioso e interessantissimo.

e) NOBILIARCHIA

Rectificando uma falsa tradição oral, diz-nos o auctor quees foram os donatarios de Pombeiro; investiga a arvore genealogica dos Cunhas; prossegue na dos Frias; e volta a occupar-se da dos Cunhas, com grande copia de informações, heraldicas e descripção dos brazões de familia.

Esprai-a-se por fim em considerações sobre a antiga nobreza de Pombeiro e causas da sua decadencia, que attribue á incuria, infidelidade e desleixo de successivas administrações.

Foi esta, de resto, a sorte de muitas casas opulentas da provincia da Beira.

f) DIPLOMATICA

O Livro do Tombo dos passaes da igreja, restos do archivo parochial e o foral concedido a Pombeiro por D. Manoel em 10 de novembro de 1513, são objecto de estudo n'este capitulo.

Parece que o archivo parochial deverá conter

peito a limites de territorio portuguez em Africa. Mas afinal isso tambem não rendeu nada porque, para resolver essa questão de limites, já de ha muito que partiu para Africa um encarregado do governo portuguez e o negocio está em via de resolução.

Uma outra questão entreteu por alguns dias as folhas opposicionistas e foi a da suspensão de um alto funcionario da alfandega por não dar cumprimento a uma portaria do ministerio da fazenda.

Tentou a opposição defender o funcionario, tomando o castigo á conta de perseguição e á influencia de uma companhia poderosa a quem o dito funcionario contrariara certas negociatas, mas afinal virou-se o feitiço contra o feiteiro e demonstrou-se que quem estava descontente era o funcionario, em questão, o sr. Tavares de Medeiros, por a companhia lhe não ter dado um emprego por elle solicitado!

Ainda d'esta vez a opposição perdeu o seu latim porque este caso de que queria fazer uma questão politica, ficou reduzido a uma questão miseravel e vergonhosa.

Mas para que não se passassem algumas dezenas de dias sem algum caso de effeito e sensação appareceu á ultima hora a greve dos operarios da companhia do gaz que deixou Lisboa ás escuras por algumas noites e o governo um tanto atrapalhado para dar remedio ao mal, de que allaz não tinha culpa.

Em verdade não faltava mais nada aos governos d'esta terra do que tratarem das luzes, depois do que, só lhes resta tratar das bombas.

E entretanto as greves em Portugal fazem-se, apeas por espirito de imitação, pelo que este povo dá o cavaquinho, especialmente em se tratando de não fazer nada.

Se ha por ahi alguem que dê alguma coisinha para ajudar a viver um *prove home*, venha a greve e no seu esteja quem fez o descanso.

Que boa idea para os especuladores tirarem partido dos pobres operarios! Para lhes impingirem discursos lisongeiros, para ganhar popularidade entre as massas, e por fim se as ditas massas precisarem de *massas* para governarem a vida e a questão desandar em pancadaria, virarem-lhe as costas, metterem-se em casa e não quererem saber do proletariado.

São os pescadores das aguas turvas, que os ha em toda a escala social.

A' hora a que escrevemos ainda não ha nada definitivamente resolvido sobre a greve, apesar de ter reunido o conselho de ministros para tratar d'este assumpto, mas parece que as coisas se vão arranjan-do de modo que a cidade tenha luz independente dos *grévistas*.

Não podia deixar de ser assim, n'este seculo das luzes.

Ao terminarmos esta revista, chega-nos a grata noticia de se ter resolvido a questão levantada entre a Republica dos Estados Unidos do Brazil e a Inglaterra, sobre a ilha da Trindade, e em que o governo portuguez foi mediano.

O governo de Portugal offerecera os seus bons officios para resolver o conflicto entre as duas polencias, e esse offerecimento foi accete, entabulando se as negociações.

Depois de escrupulosamente examinada a questão reconheceu-se o direito de soberania que o Brazil tinha sobre a ilha da Trindade, com o que o governo inglez concordou plenamente, ficando assim terminado o conflicto, alcançando a diplomacia portugueza um triumpho que muito honra a nação e o governo portuguez.

Parece-nos inutil encarecer a importancia d'este facto politico, no actual momento, e só estimaremos poder continuar a registrar factos que, como este, engrandeçam a nação e a tornem respeitada, como tem direito, pela sua historia gloriosa.

João Verdades.

NECROLOGIA

O ACTOR JOAQUIM SILVA

Falleceu no Brazil o actor portuguez Izidoro Joaquim Duarte da Silva que em 29 de Maio do anno findo partira pela 2.^a vez de Lisboa, con-

tractado pelo brazileiro Juca, conhecido empresario de theatros.

Nascera em 11 de Dezembro de 1859; era natural de Lisboa e filho de Joaquim Duarte Silva e Eulalia Joaquina Silva, já fallecidos.

Seguindo a corrente de artistas que ultimamente tem procurado na grande republica sul-americana uma nova plaga de interesses, foi victima, como muitos dos nossos compatriotas, da doença endemica — a febre amarella — quando a bordo do *Grangense*, seguia viagem do Maranhão para Pernambuco.

Antes da partida, Joaquim Silva fôra atacado d'uma congestão que lhe tolhera em parte os orgãos locomotores, mas, não querendo adiar a viagem, embarcou, e no dia 3 de Julho do corrente anno chegava ao Ceará, onde o vapor se demoraria tres dias.

A difficuldade no desembarque alliaa ao estado de saude ainda melindroso, não lhe permittiu, mau grado seu, acompanhar os collegas. Ficou a bordo mas, n'um esforço de animo, prometteu que no domingo 5 iria tomar parte no espectáculo.



O ACTOR JOAQUIM SILVA

FALLECIDO EM 8 DE JULHO DE 1896

Não lh'o permittiu, porém a Providencia.

Na vespera, no sabbado 8, pelas 9 horas da manhã, o nosso estimado actor comico, expirava, deixando em Lisboa na viuvez sua esposa D. Joaquina Adelaide da Silva e na orphandade, dois filhos, Amelia Josephina da Silva e Virgilio Joaquim Silva que completou seis annos em 19 do mez findo.

Como homenagem ao talento do mallogrado Joaquim Silva, o empresario Juca resolveu collocar-lhe uma lapide sobre o ataúde.

E eis no cemiterio do Ceará um actor portuguez, tão estimado principalmente das nossas plateias populares. Durante a sua carreira artistica tem creações de valor, que o enfileiraram entre comicos de nomeada. Começando como amador dramatico, passou depois para o theatro D. Fernando II em Alcantara e mais tarde para o Chalet da Rua dos Condes, onde tanto se popularizou nas revistas do anno do fallecido revisteiro Francisco Jacobetty, que o empresario do theatro da Trindade, o illustre escriptor Francisco Palha, hoje extincto, o convidou a aceitar escriptura.

E foi então em peças de maior responsabilidade que Joaquim Silva, sem arlequinar os papeis que lhe confiavam, evidenciou quanto aproveitavel era o seu concurso artistico A graciosidade do

seu olhar, a simplicidade no dizer, apesar da sua voz sacrificada pela phytica de larynge, e o apropriamento da caracterisação á personagem, eram tres requisitos que efflicazmente contribuíam para o agrado publico.

O seu nome de artista consciencioso está ligado ao exito de muitas peças, entre as quaes citaremos:

Moura de Silves; Homem da Bomba, Coração e mão, Moleiro d'Alcalá Nitouche, Cossaca, Orthographia, Noiva dos Girasões, O gato preto, Perichole, A filha da sr.^a Angot, Noite e dia, 28 dias de Clarinha, O Burro do sr. Alcaide, Boccaccio, O pato de tres bicos, A menina do telephone, Sal e Pimenta, etc.

Joaquim Silva, como a maioria dos nossos comicos, não sahiu das camadas superiores da nossa sociedade.

Começara aprendendo o officio de estofador de carruagens, mas antes de se entregar ao culto da musa Thalia, era á arte de correio que elle se dedicava.

Que o finado artista descanse em paz.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — N.^o 5 do tomo VII.

Sob a direcção proficiente do sr. Gabriel Pereira, tem sido publicado este boletim, trazendo sempre nos seus numeros uma selecta collaboração de notavel interesse historico e artistico.

Pelo seguinte summario se pode fazer idea dos artigos insertos no presente numero: Discurso do socio effectivo Rozendo Carvalho; Noticias da freguesia de Alcaide, por Ascensão Valdez; A sociedade archeologica lusitana, por João Carlos de Almeida Carvalho; Pelourinho, por G. Pereira; O collar de Penha Verde, por G. Pereira, etc., etc. Uma estampa colorida representando o *collar de Penha Verde*.

Nos excerptos das actas que veem publicadas n'este numero, ha noticias de veras interessantes; a principal é a de uma proposta do já fallecido architecto Possidonio da Silva, para que os restos do celebre artista Domingos Antonio Sequeira, que estivo na igreja de S. Lourenço em Roma fossem trasladados para Portugal. O venerando proponente contou a proposito algumas particularidades do grande desenhista e pintor; ainda o conheceu morando no largo do Carmo, n'um predio que fora do dr. Pinto Coelho, em frente do museu archeologico; depois mudara-se para o predio chamado do Andrade, na calçada do Arroz.

Em 1847 já não tinha escola aberta, mas, por excepção, ainda admittiu ao seu ensino o proponente. Desenhava primeiramente na pedra, variando os seus esquisos e projectos; fora assim que o vira trabalhar nos desenhos dos baixos relevos para o primeiro monumento do Rocío.

Muito para louvar será que, a direcção da illustrada associação, formulando a proposta definitiva, trate de a executar.

Parece-nos que os restos do grande artista muito bem ficariam no Pantheon dos Jeronymos, junto de Camões e Herculano.

ALMAMACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1897

Está no prélo e accetam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se d'esde já encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 20